



MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES E DESAFIOS

Rafaela Virgínia Correia da Silva Costa ¹

Rozevania Valadares de Meneses César ²

Margarida Maria Araújo Bispo ³

GT 7 – Educação, Linguagens e Artes.

RESUMO

O presente artigo traz uma abordagem sobre os métodos de alfabetização, no primeiro ano do ensino fundamental inicial. Objetiva analisar, os métodos de alfabetização, analítico e sintético, suas definições, desafios e perspectivas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico tendo como base teórica os estudos de Cagliari (2009), Ferreiro e Teberosky (1999), Frade (2007), Soares (2018), Tardif e Lessard (2009). Os resultados evidenciaram que os métodos não se resumem apenas em um percurso utilizado para alfabetizar, mas sim, orientar o professor a direcionar sua prática pedagógica com vistas a alcançar resultados, apropriando-se de metodologias variadas. Conclui-se que todos os métodos possuem sua importância na alfabetização desde que o educador saiba escolher aquele que melhor se adequa a realidade do educando.

Palavras-chaves: Aprendizagem. Ensino. Professor Alfabetizador. Métodos de Alfabetização.

ABSTRACT

The present paper brings an approach about the literacy methods, in the first year of elementary school. It aims to analyze the literacy methods, analytical and synthetic, their definitions, challenges and perspectives. This is a qualitative bibliographical research with a theoretical basis in the studies of: Cagliari (2009), Ferreiro and Teberosky (1999), Frade (2007), Soares (2018), Tardif and Lessard (2009). The results showed that methods are not only a path used to literacy, but also guide the teacher to direct his or her pedagogical practice in order to achieve results by using various methodologies. It is concluded that all methods have their importance in literacy, as long as the educator knows how to choose the one that best fits the reality of the student.

Keywords: Learning. Teaching. Literacy Teacher. Literacy Methods.

¹ Mestranda em Educação. Especialista em Didática do Ensino Superior. Professora da rede estadual e municipal em Tobias Barreto/SE. Membro do Grupo de Estudos em Educação Superior-GEES (UFS/CNPQ). <https://orcid.org/0000-0003-0757-6021>. E-mail: rafaela.vcsc@hotmail.com.

² Mestra em Educação. Especialista em Didática do Ensino Superior. Educação, Diversidade e Inclusão Social. Professora da rede estadual em Tobias Barreto/SE e municipal em Itapicuru-BA. Membro da Associação Nacional pela Formação dos Professores da Educação (ANFOPE) e do Grupo de Estudos em Educação Superior-GEES (UFS/CNPQ). <https://orcid.org/0000-0002-5280-5543>. E-mail: rozevaniavcesar@hotmail.com.

³ Doutoranda em Educação. Mestra em Letras. Especialista em Planejamento educacional. Professora da rede estadual e municipal em Tobias Barreto/SE. Membro Grupo de Estudos Educação, Formação, Processo de Trabalho e Relações de Gênero (UFS/CNPQ). <https://orcid.org/0000-0003-2754-7455>. E-mail: rainhamargo@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

Os métodos de alfabetização têm sido alvo de reflexão entre os estudiosos do tema, isso porque, no decorrer da história do Brasil, várias técnicas de alfabetização foram desenvolvidas e incorporadas nas instituições escolares. Atualmente há uma variedade destas, o que tem causado inquietações entre os professores que atuam neste seguimento. Neste sentido, a opção por um método adequado tem evidenciado que os docentes estão de alguma maneira inseguros para escolher um que, de fato, surta o efeito desejado. Cabe ainda mencionar que, os professores, vez por outra, são apontados como responsáveis pelas invetigações desenvolvidas em suas práticas pedagógicas, principalmente quando não atingem o objetivo desejado.

A escolha por um procedimento metodológico envolve uma tomada de decisão que provoca inúmeras discursões e questionamentos entre os professores alfabetizadores, pois não há uma “receita” sobre qual poderia ser o mais propício para obter sucesso durante o processo de alfabetização. Foi a partir desse olhar que sugiu a necessidade de abrir um discursão em torno dos métodos de alfabetização: sintéticos e analíticos, na perspectiva de fomentar ainda mais a discussão em torno desse assunto.

Estudos como os de Frade (2007) mostram que a proposta dos métodos de alfabetização precisam ocorrer de forma gradativa, porém alguns professores alfabetizadores não concordam e talvez por essa razão se acomodam no tradicionalismo acreditando ser o que dá melhores resultados. Diante do explicitado, a questão problema é apresentada da seguinte forma: Qual seria o método mais apropriado que o professor alfabetizador poderia recorrer?

É notório a importância da alfabetização, pois, é por meio dela que a criança realiza o percurso que lhe propiciará situações para entender a função da leitura e da escrita, bem como desenvolver habilidades para ler e escrever palavras a partir de imagens e pequenos textos. Para Cagliari (2003), trata-se “[...] da formação escolar de uma pessoa, assim como a invenção da escrita foi o momento mais importante da história da humanidade, pois somente através dos registros escritos, o saber acumulado pôde ser controlado pelos indivíduos”.

Assim, o referido estudo tensiona fazer um levantamento bibliográfico para entender qual seria o método de alfabetização mais adequado para obter melhores resultados no processo de alfabetização das crianças que estão nesta fase.

Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo analisar os métodos de



alfabetização, analítico e sintético, suas definições, desafios e perspectivas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico. Para Gil (1994, p. 71) “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar”. Por outras palavras, é o ponto de partida para todos os tipos de pesquisa a partir de teóricos que tratam do tema a ser pesquisado. O referencial teórico pautou-se em autores como Cagliari (2009), Ferreira e Teberosky (1999), Frade (2007), Soares (2018), Tardif e Lessard (2009).

Para medidas de esclarecimento, vale ressaltar que este artigo é resultado do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, de uma faculdade localizada no interior do estado de Sergipe.

MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO: DEFINIÇÕES E PROCESSOS

A alfabetização é uma das fases mais importantes na vida da criança, pois é através dela que ocorre sua inserção no universo da leitura e da escrita, portanto, cabe ao professor alfabetizador tornar esse momento inesquecível para que a aprendizagem aconteça como algo prazeroso, e não por obrigação. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/96) determina como primeira etapa da educação básica, assegurando que “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade” (art. 29).

É um direito garantido por lei que contempla vários aspectos, sem isentar a importância da participação da família e da sociedade nesse processo. Assim, a escolha de um método por parte do professor alfabetizador é uma questão que gera indecisão, pois não se sabe ao certo qual seria o mais adequado.

Alfabetizar é uma das primeiras ações educacionais que envolvem as crianças no processo de ensino e aprendizagem de forma sistematizada. Sua efetivação envolve atos e práticas pedagógicas por parte do professor, as quais ocasionam vínculos entre os envolvidos. Por conta disso, o professor vê-se fazendo um papel duplo, cujas ações se misturam, a afetividade e o direcionamento das ações pedagógicas. Essa mistura de situações precisa estar definida nas ações que executa, o que não impede que tais situações se inter cruzem.



Entretanto, é preciso que o professor saiba separar para que o afetivo não interfira na sua prática, visto que muitos têm tendência a apegar-se aos alunos e, este elo emocional acaba por interferir na conduta profissional do educador e, conseqüentemente, no processo e ensino e aprendizagem

A escolha dos métodos compreende: planejamento adequado ao nível da turma, conteúdos que primem de preferência pela ludicidade, metodologias que englobem principalmente jogos, brincadeiras e dinâmicas com a intenção de interagir, socializar, e além disso, provocar nos alunos a curiosidade e a descoberta, e posteriormente a leitura. “Por isso que ler implica esforços no sentido de uma correta compreensão do que é a palavra escrita, a linguagem, as suas relações com o contexto de quem fala e de quem lê e escreve, compreensão, portanto da relação entre ‘leitura’ do mundo e leitura da palavra” (FREIRE, 2008, p. 21).

Tanto a leitura de mundo, quanto a leitura da palavra perpassam por um método de alfabetização. Esses métodos ganharam campo quando as instituições escolares se tornaram mais populares com a finalidade de atender as necessidades dos alunos em relação ao processo de ensino e aprendizagem. Sua evolução estruturou-se ainda mais com a estabilização do ensino público, o qual surgiu principalmente devido à necessidade da efetivação de um sistema de aprendizagem que possibilitasse as crianças, entre outros aspectos, o domínio da leitura e da escrita.

Mas para que o aluno domine, de fato, a leitura e a escrita, é necessário que o professor trace metas e escolha um método que seja mais propício ao nível de sua turma. Sobre a seleção de tal escolha, Libâneo (1994) ressalta que os métodos são determinados pela relação objeto conteúdo e referem-se aos meios para alcançar objetivos gerais e específicos do ensino, ou seja, ao “como” do processo de ensino, englobando, desse modo, as ações a serem realizadas pelo professor e pelos alunos para atingir os objetivos desejados.

Quando se refere a métodos de alfabetização, algumas pessoas relacionam a recursos como: cartilhas, caderno de caligrafia e manuais didáticos, porém, essa é uma forma inconveniente para caracterizar os métodos de alfabetização. Segundo Soares (2018, p.16), “[...] método de alfabetização é um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios orientam a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, o que comumente se denomina alfabetização”. Assim, há uma variedade de métodos de alfabetização dos quais os



professores que atuam neste seguimento podem escolher como, por exemplo:

Os métodos sintéticos seguem a marcha que vai das partes para o todo. Na história dos métodos sintéticos temos a eleição de princípios organizativos diferenciados que privilegiam a decoração de sinais gráficos e as correspondências fonográficas. Essas tendências compreendem o método alfabético que toma como unidade a letra; o método fônico que toma como unidade o fonema e o método silábico que toma como unidade um segmento fonológico mais facilmente pronunciável, que é a sílaba. De maneira geral parece que a escolha por apenas um caminho para sistematização das relações fonema-grafema a letra, o fonema ou a sílaba, é que diferencia o tratamento em torno das correspondências fonográficas (FRADE, 2007, p. 22).

Diante do exposto, compreende-se que os métodos de alfabetização sintéticos são aqueles que o professor alfabetizador parte das unidades menores para as maiores para contemplar o todo. Também englobam três tipos de tendências, a saber: método alfabético, método fônico e método silábico, os quais recebem a denominação genética de sintéticos. A partir desses métodos o professor poderá escolher um ou fazer a junção de todos.

Cabe ainda mencionar que o método alfabético é considerado um dos mais utilizados pelos alfabetizadores, uma vez que sua organização pedagógica está basicamente estruturada a partir da ordem das letras e sua apropriação, geralmente é decorada e reproduzida em sequência, bem como seu desenvolvimento ocorre através do reconhecimento de cada expressão gráfica. Seus objetivos estão expressos como:

A decoração oral das letras do alfabeto, seu reconhecimento posterior em pequenas sequências e numa sequência de todo o alfabeto e, finalmente, de letras isoladas. Em seguida a decoração de todos os casos possíveis de combinações silábicas, que eram memorizadas sem que se estabelecesse a relação entre o que era reconhecido graficamente e o que as letras representam. (FRADE, 2007, p. 22 e 23).

Neste sentido, há que se considerar que o método alfabético prima por uma sequência de situações que parte de pequenas partículas para abranger o todo. Observa-se, portanto, que há neste método uma ênfase na memorização sequenciada das letras em ordem alfabética para depois estudá-las de forma isolada. Por outro lado, o método fônico, parte do princípio de que é necessário valorizar a consciência fonológica e buscar associar o som, a oralidade e a expressão escrita, além de priorizar a sonoridade que busca fazer relações fonéticas com a escrita. Neste sentido, o sistema alfabético passa a ser compreendido como



uma linguagem que deve ser expressa como um modo de se apresentar a leitura e a escrita, relacionando o que se fala com o que se ouve. Assim,

No método fônico começa-se ensinando a forma e o som das vogais. Depois ensinam-se as consoantes, estabelecendo entre elas relações cada vez mais complexas. Cada letra (grafema) é apreendida como um fonema (som) que junto a outro fonema, pode formar sílabas e palavras. Para o ensino dos sons, há uma sequência que deve ser respeitada, segundo a escolha de sons mais fáceis para os mais complexos (FRADE, 2007, p. 23).

O principal objetivo do método fônico é relacionar o som com a letra (FRADE, 2007). Já o método silábico tem como principal estrutura a valorização das sílabas a partir do uso de sílabas/letras como fator essencial para se alcançar a apropriação do código linguístico, com o objetivo de ampliar de forma intencional a escrita através da junção das letras e, conseqüentemente, a formação das sílabas e das palavras. O método silábico funciona da seguinte forma: primeiro apresenta para as crianças as “famílias” silábicas e só depois é que se ensina a compreensão das palavras. Esse método funciona tal qual o alfabético, pois o processo ocorre de forma mecânica sem que haja um entendimento por parte da criança e sim uma memorização. No entendimento de Frade (2007, p. 24):

O método silábico é um aprimoramento deste conceito, uma vez que o acesso direto à sílaba e não ao fonema, pode ajudar a concretizar mais rapidamente a relação de segmentos da fala com segmentos da escrita. Nele a principal unidade a ser analisada pelos alunos é a sílaba. No desenvolvimento do método, geralmente é escolhida uma ordem de apresentação, feita segundo princípios calcados na ideia “do mais fácil para o mais difícil”, ou seja, das sílabas “simples” para as mais “complexas”.

Além do método silábico, há também o método analítico que abrange o sentido global em que o processo de alfabetização ocorre a partir do todo para depois considerar as partes. Assim, o professor deve se apropriar de textos, frases, palavras e sílabas. Vale ressaltar que é a partir do método analítico que surgem os métodos – global, de sentencição e palavração. O primeiro, é formado a partir de diversas unidades de leituras que contemplam uma sequência com começo, meio e fim e são ligadas por frases que formem uma história para despertar o interesse da criança.

O segundo, sentencição, parte da frase e, em seguida, divide-se as palavras para depois extrair o elemento mais simples, nesse caso, as sílabas. Já o terceiro, palavração, parte da palavra, no entanto, em primeira instância é preciso que a criança tenha uma certa



familiaridade com os vocábulos sequenciados de modo a abranger, inclusive, todos os sons da língua para só depois tomar posse de uma quantidade de palavras e, em seguida, formular as frases. Segundo Frade (2007, p. 26), os métodos analítico:

[...] partem do todo para as partes e procuram romper radicalmente com o princípio da decifração. Buscando atuar na compreensão, estes defenderam a inteireza do fenômeno da língua dos processos de percepção infantil. Estes métodos tomam como unidade de análise a palavra, a frase e o texto e supõem que baseando-se no reconhecimento global como estratégia inicial, os aprendizes podem realizar posteriormente um processo de análise de unidades que dependendo do método (global de contos, sentencição ou palavração) vão do texto à frase, da frase à palavra, da palavra à sílaba. (FRADE, 2007, p. 26).

Ainda sobre os tipos de métodos, há que se ressaltar também sobre o método global, que, neste caso, trata-se do reconhecimento global do textos, sentenças e expressões; parte do contexto principal de que a iniciação do entendimento entre leitura e escrita deve ser determinado pelo conjunto do todo “o global”, ou seja, a ideia central deve partir dos elementos pelos quais estão inseridos no todo e composto por suas partes. Assim,

No método global de contos e historietas a marcha seguida, com algumas variações, parte do reconhecimento global de um texto que é memorizado e “lido” durante um período, para reconhecimento de sentenças, seguida do reconhecimento de expressão (porções de sentido) de palavras e finalmente, das sílabas” (FRADE, 2007, p. 27).

Ainda sobre o método de sentencição, é importante acrescentar que este é representado pela sentença e comparação de palavras, ou seja, as palavras devem ser comparadas e suas relações representam o entendimento entre palavras e letras, palavras e sílabas. De acordo com Frade (2007, p. 27), “no método de sentencição, a unidade é a sentença que, depois de reconhecida globalmente e compreendida, será decomposta em palavras e, finalmente, em sílabas”.

Acrescenta-se também que o método de palavração deve ser realizado com o uso da seleção de algumas palavras retiradas de uma vasta lista de outras já trabalhadas anteriormente, porém as palavras referenciadas devem ser identificadas como parte importante e evitar o uso de palavras em decomposição. Sendo assim, sua aplicabilidade deve ser centrada nas palavras com o conjunto de letras que logicamente devem permanecer interligadas e não apenas desmembradas. De acordo com Frade (2007, p. 26), “no Brasil, o



método de palavrção parece ser uma resposta à modernização pretendida nos discursos sobre o método analítico”.

Diante do explicitado, observa-se que tanto o método sintético quanto o analítico podem ser adotados pelo professor e surtir o efeito desejado no que se refere ao processo de absorção do som da letra, bem como a representação escrita. É interessante perceber também que os métodos são independentes e, quando bem alinhados à prática pedagógica do professor, podem agregar valores significativos no processo de alfabetização dos pequenos.

Antes de escolher um método, o professor alfabetizador deve entender que há uma diferenciação entre eles como, por exemplo: o sintético contempla a importância da percepção auditiva, enquanto que o analítico evidencia e valoriza a percepção visual e, por isso, podem ser válidos para a prática pedagógica dos profissionais de alfabetização que, de posse de tais métodos, podem tornar sua prática ainda mais enriquecedora.

OS DESAFIOS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

O professor alfabetizador, assim como os demais, possui um papel relevante no processo de ensino e aprendizagem dos educandos e suas intervenções pedagógicas são como “pontes” entre a aprendizagem e o conhecimento. A metodologia utilizada na prática do professor faz toda a diferença no processo de alfabetização, pois é a partir dela que o professor desperta nos alunos o desejo de querer aprender cada vez mais. Contudo, “[...] métodos não se constroem um processo linear, mas como consequência de muitos e vários fatores intervenientes, configuram-se como um processo de grande complexidade” (SOARES, 2018, p. 50).

Essa complexidade deve ser levada em consideração pelo professor alfabetizador antes de escolher qual método se adequa à realidade de seus alunos. Além disso, deve fazer uma sondagem para perceber os saberes prévios, por meio de relatos da realidade dos alunos, com a finalidade de incluir no seu planejamento de modo que contemple a todos. Tal ação se faz necessária para que o professor perceba que cada aluno necessita de um tempo para que a aprendizagem aconteça. No caso do professor alfabetizador, sua formação nem sempre é algo que lhes assegure atuar com sucesso, pois na maioria dos casos, não há um critério para a escolha desse profissional.



No que tange às práticas pedagógicas dos professores, apesar de não terem uma formação adequada para atuar na alfabetização, essas práticas vão se constituindo por meio do processo de trocas, respeitando as singularidades, tanto do professor, quanto dos alunos. Para que o processo de alfabetização ocorra com êxito, é necessário que o professor alfabetizador busque sempre outros conhecimentos para aplicar em sua prática, pois o processo de alfabetização,

[...] inclui muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais (CAGLIARI, 2009, p. 6).

No processo de ensino e aprendizagem, o professor é visto como agente principal, responsável pela aprendizagem dos alunos. Por conseguinte, a ele quase sempre são atribuídos papéis que não competem exatamente a sua profissão como a função de educar, por exemplo. Essa situação gera desconforto para o professor que tem de lidar com alunos indisciplinados e sem acompanhamento familiar.

Essa indisciplina, por parte de alguns alunos, é um dos desafios que o professor enfrenta. Tal situação acaba mudando o foco principal do ensino e da aprendizagem, pois o professor, ao lidar com crianças indisciplinadas, perde o foco das ações planejadas e os objetivos deixam de ser alcançados em razão das intervenções que precisa fazer para manter a ordem e a disciplina. Acrescenta-se, ainda, que o número de alunos por turmas também dificulta o trabalho do professor, pois não tem como dar assistência a todos de igual modo, o que prejudica o rendimento escolar. Assim, a superlotação torna o ambiente propício para conversas paralelas e falta de atenção por parte dos alunos.

A inclusão é outro desafio para o professor alfabetizador, pois nem sempre há na escola um psicopedagogo, fonoaudiólogo, psicólogo ou outro profissional da saúde para ajudar nesse processo. É sabido que a inclusão é um direito adquirido por lei, porém, é preciso que haja um suporte para o professor, pois sozinho não tem como dar conta da demanda; destaca-se ainda a questão do ambiente inadequado às necessidades de determinados alunos, a inexistência de recursos apropriados para desenvolver as aulas contemplando a todos. Outro ponto que deve ser ressaltado é a formação continuada dos professores para atuar na



alfabetização de crianças com necessidades especiais. De acordo com Tardif e Lessard (2009, p. 55), “[...] a falta de recursos e de tempo e a escassez de instrumentos pedagógicos são fatores “materiais” frequentemente mencionado pelos professores como estando entre as maiores dificuldades dessa profissão”.

Outro fator evidenciado são as questões que envolvem o processo de aprendizagem e suas variações. As crianças, em sua maioria, apreendem em momentos distintos, tornando a turma heterogênea com vários níveis e estágios de aprendizagens, tanto na leitura quanto na escrita, conforme apresentado por Ferreiro e Teberosky (1999). As autoras classificam o desenvolvimento da aquisição da leitura e da linguagem em cinco níveis, os quais sejam: 1 - (hipóteses pré-silábica); 2 - (hipótese silábica sem valor sonoro); 3 - (hipótese silábica com valor sonoro); 4 - (hipóteses silábicas alfabética); 5 - (hipótese alfabética). Nesse sentido,

O êxito da aprendizagem depende, então, das condições em que se encontre a criança no momento de receber ensino (...) Porém, atribuir as deficiências do método à incapacidade da criança é negar que toda a aprendizagem supõe um processo, é ver déficit ali onde somente existem diferenças em relação ao momento de desenvolvimento conceitual em que se situam. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 291).

É preciso salientar que o ambiente escolar precisa desenvolver ações educativas para facilitar e favorecer o entendimento dos alunos que já possuem uma base alfabetizadora, ou seja, já possuem algum conhecimento e reforçar ainda mais as ações para aqueles que ficam aquém. Nenhum aluno deve ser considerado como uma “tábua rasa”, afinal, todos já trazem experiências que devem ser consideradas importantes. Assim, cabe à escola integrar o contexto social em que o aluno está inserido com a proposta escolar a ser desenvolvida.

MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO: EXIGÊNCIAS SOCIAIS E PERSPECTIVAS DOS PROFESSORES DE ALFABETIZAÇÃO

A educação e o modo de ensinar perpassam por mudanças e transformações. Em meio a esse processo surge os diferentes métodos de ensino que são adaptados a depender do contexto histórico. Vale ressaltar que, após a Revolução Industrial, foi implantado o modelo



tradicional de ensino com o intuito de qualificar pessoas para trabalhar, principalmente, nas indústrias. Por esse motivo, o modelo tradicional foi construído, tendo como prioridade fazer o indivíduo aprender, depois ser treinado, preparado e, em seguida, qualificado para atuar no mercado de trabalho.

É necessário frisar que não estamos mais naquela época, ao contrário, vivenciamos em uma nova era de construção de conhecimento e de paradigmas trabalhistas onde muitas indústrias e fábricas estão cada vez mais substituindo a mão de obra por máquinas, robotização e o uso de tecnologias. A educação também foi impactada por essas mudanças e, por esse motivo, o professor para atuar e conquistar seu espaço precisa estar “antenado” e qualificado para adentrar no mercado de trabalho e obter sucesso em sua prática pedagógica.

Nessa perspectiva, as instituições de ensino para desenvolver um bom trabalho depende também da ação dos educadores, pois são eles que ministram as aulas e estão à frente do processo de ensino e aprendizagem com a finalidade de contribuir com um ensino de qualidade. Atualmente, convive-se em ambientes escolares diversificados e, por essa razão, alfabetizar com uma única proposta não assegura que a aprendizagem de fato aconteça. Há, nessa dimensão, alunos advindos de contextos familiares e sociais distintos e, por isso, a escolha de alfabetizar por meio de um único método pode não funcionar para todos uma vez que “[...] os alunos não são apenas seres psicobiológicos. São também seres sociais parcialmente definidos por sua situação socioeconômica, seus valores, suas crenças, seus interesses, [...]” (TARDIF e LESSARD, 2009, p. 70).

Por tudo isso, é possível afirmar que os métodos de alfabetização possuem uma forte inter-relação entre prática, ensino, e práticas sociais, pois ambas estão envolvidas no ato de alfabetizar e talvez seja por isso que o processo de alfabetização deve ser dinâmico, atrativo e mutável. Dessa forma, o professor precisa ter discernimento e sensibilidade aguçados para perceber que aquilo que está em seu entorno, de algum modo, interfere ou colabora para a inovação e benefício da sua prática pedagógica, principalmente com alunos em fase de alfabetização.

Para auxiliar nesse processo, conta-se também com a formação continuada de professores, importante para ajudar o professor a refletir, aperfeiçoar e ressignificar sua prática, e além disso, escolher aquela que mais se adequa às suas necessidades. Assim, por



meio da formação continuada, o professor poderá, inclusive, autoavaliar-se, além de perceber quais mudanças e permanências podem ser acrescentadas.

Dessa forma, a formação continuada caracteriza-se como mais um suporte que agrega valores e conhecimentos ao professor, além de colocá-lo a par sobre pesquisas e estudos na área educacional. Então, a formação continuada é uma ação que não deve ser ignorada ou rejeitada pelo professor, pois se trata de um suporte que colabora tanto com a prática do professor quanto no desempenho dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi fazer uma análise sobre os métodos de alfabetização, sintético e analítico, com destaque para as definições, desafios e perspectivas na prática pedagógica do professor alfabetizador. A proposta fora cumprida parcialmente, pois, de acordo com as leituras, não há como definir quais métodos são mais ou menos importantes no processo de alfabetização, visto que todos possuem sua relevância e podem ser adaptados a depender do contexto em que a escola está inserida e qual público-alvo atende. Dessa forma, cabe ao alfabetizador escolher qual método será mais adequado para atender à necessidade de sua turma. Tal escolha deve ser feita a partir do seu cotidiano em sala de aula, bem como das vivências pedagógicas em sua turma para depois selecionar aquele que achar pertinente.

Em relação aos métodos, definições e processos, fora percebida a importância da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9394/96), quando esta garante o ensino da educação infantil a cargo também da família e da sociedade. Mediante as leituras, também ficou explícita a importância da criação de métodos alfabéticos por níveis. Outro fator que ficou comprovado foram os desafios encontrados pelo professor alfabetizador para desenvolver sua prática de modo a contemplar todos os alunos, pois muitas vezes se depara com alunos indisciplinados, salas de aulas lotadas e crianças com necessidades especiais.

Diante das leituras realizadas, ficou comprovado que muitos profissionais que estão atuando em turmas de alfabetização, mesmo possuindo experiência nessa modalidade de ensino e vivenciando a rotina pedagógica, sentem dificuldades em articular teoria e prática. Isso acontece possivelmente porque muitas vezes a prática fica dissociada da teoria, embora sejam segmentos importantes, uma vez que a teoria traz o que foi comprovado e/ou colocado em prática por professores ou estudiosos; enquanto que a prática só é passível de mensurar sua



viabilidade por meio da experiência no cotidiano.

O referido estudo também evidenciou que métodos não se resumem apenas em a um percurso utilizado para alfabetizar, mas sim orientar o professor a direcionar sua prática pedagógica com vistas a alcançar resultados se apropriando de metodologias variadas. Dessa forma, o professor deve sempre se atualizar, por meio da formação continuada, com a finalidade de desenvolver novas habilidades e competências que ajudarão na sua atuação enquanto docente.

Ressaltamos que esta pesquisa ainda precisa de complemento, pois a cada dia surgem novos estudos e teorias que vão sendo acrescidas e, por fim, salientamos que a prática na alfabetização é um processo desafiador que requer uma postura aberta, contínua e dinâmica por parte do profissional que já atua ou pretende atuar nesta área.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo. Ed. Scipione, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo. Ed. Scipione, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais**. Artigo Científico. 2007. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>. Acesso em: 10 de out. 2021.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed: 1999.

FREIRE, Paulo. **A Importância de o Ato de Ler**. Em três artigos que se completam. Moderna. São Paulo, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** – São Paulo. Ed. Cortez. 1994. (Coleção magistério. 2ª grau. Série formação do Professor)

SOARES, Magda. **A alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2018.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**; tradução João Batista Kreuch. 5 ed. Vozes, 2009.

12 ENFOPE
14 FOPIE

Encontro Internacional de Formação de Professores e
Fórum Permanente de Inovação Educacional

EDUCAÇÃO RESSIGNIFICADA:
FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICAS DISRUPTIVAS

23, 24 e 25 / NOV / 2021

Unit UNIVERSIDADE
TIRADENTES

PPED

GPDACC

incub